



Mário Mota, o jovem e esperançoso poeta de *Traço de União*, fez uma pequena poesia a que deu o nome de *Retrato*. E porque, possivelmente, gostasse muito dela, editou-a em formato de livro, que se compõe de duas folhas. Nada temos que dizer a isto, tanto mais que *Retrato*, sem ser genial, é um poema razoável. Mas, com franqueza, não será toleima, Mário Mota, incluir esta poesiazinha na sua obra com o pomposo título de *Retrato-ensaio psicológico*?

Torna-se notável a actividade editorial da livraria Portuguesa, de Coimbra. E dizemos actividade notável porque, sem dúvida, os livros agora editados pela Portuguesa (que reflectem bem as preocupações e a actividade literária da juventude de Coimbra) sendo obras de nomes desconhecidos, estreias, à sua factura não preside qualquer intuito comercial. E a qualidade excelente das obras dos jovens José Marmelo e Silva, João José Cochofel e Fernando Namora, provam o subido critério de selecção que preside àquelas edições.

A Editora Educação Nacional—Pôrto—fez sair: *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*—1.º vol., da autoria de Vasco Botelho de Amaral. Nele se propõe o autor resolver algumas dificuldades que a língua portuguesa apresenta e cooperar na defesa do nosso idioma. No volume agora aparecido, que vai até à letra *t*, ocupa-se Botelho de Amaral especialmente de estrangeirismos e dos termos correspondentes em português porque aqueles devem ser substituídos. O *Dicionário das Dificuldades da Língua Portuguesa*, com um prefácio de Agostinho de Campos, constitui obra útil e recomendável.

Em separata da «Revista da Faculdade de Letras»—Lisboa—foram editadas as conferências realizadas naquela faculdade na Comemoração Vicentina. Abre esta separata com a conferência do nosso colaborador Dr. Hernâni Cidade—*Aspecto geral do Teatro Vicentino* (de que publicámos um fragmento, na ocasião própria). Seguem-se trabalhos de Maria Arminda Zalar Nunes, Elza Fernandes Paxeco, Maria Múrias de Freitas, Paulo Caratão Soromenho, José Pedro Machado, Mário Fluza e António José Saraiva.

O valor dos trabalhos agora publicados (embora alguns estejam aumentados) mostra bem o carácter cultural dessa Comemoração Vicentina, que se deve à iniciativa dos alunos da Faculdade.

Escolas e capelinhas literárias

Num país em que as Academias, com o seu ar conselheiral e acaciano, tão vivamente e irónicamente têm sido combatidas, e em que o espírito de Eça de Queiroz tão magistralmente flagelou, com a poderosa força dum sarcasmo risonho, esses remansos estúdios de sábios em retirada, não deixa de ser interessante assinalar o cultivo que se faz da capelinha literária, e da escola, com os seus ídolos respeitáveis; o seu culto *snob* de certos intangíveis, o desprezo solene de alguns nomes novos que, por não enfileirarem na boa corrente, por não seguirem o mesmo credo, hão-de estar sempre num plano inferior, não atingindo nunca aquelas qualidades de artistas e escritores que eles, os eleitos, a si, uns aos outros, se reconhecem. Tomemos o exemplo de Ferreira de Castro, um *revórter*... desdenhado. Os seus livros correm mundo, traduzidos em numerosos países, honrando sobremaneira o nome que os escreveu e a poderosa força de humanidade desse caso notável de auto-realização, de auto-didatismo, de heroica persistência, que é Ferreira de Castro. Este escritor, com uma obra veraz, uma obra viva que, se documenta uma época (e nisto está o *renorte* da desdenhada classificação) também estuda notavelmente o homem nas suas facetas interiores mais delicadas, não é para as escolas que surgem o romancista de «mais humanidade que Portugal teve», mas sim o romancista que não existe. Porque «Portugal não tem romances», recentemente o afirmou um jovem poeta, para acrescentar entre parêntesis: não li o último livro de Miguel Torga. É desconsolador que o culto da escola literária se manifesta duma maneira tão acentuada, precisamente entre os mais novos, e que não possamos olhar os outros com a valia real que eles possuem. O livro de Miguel Torga é bom. Mas que o culto de escola não nos leve a desdenhar o que há para lá dos arralais de cada um.

O aniversário dum acontecimento de relêvo moral

Fez recentemente quarenta anos que, num Tribunal de Paris, a justiça franceza ouvia Emílio Zola, respondendo pelo *delitto* de ter escrito *J'accuse*,

o libelo que libertando Dreyfus das responsabilidades dum crime que não cometera denunciava todo o trágico arbítrio dum processo judiciário e as cumplicidades graves que, individual e colectivamente, nele tinham elementos destacados do estado maior do exército. O caso, em muitos dos seus pormenores, é já conhecido dos leitores, através dos artigos aqui publicados pelo nosso colaborador Dr. Vasco da Gama Fernandes, estudando com elevado critério jurídico aquilo a que chamou *Técnica dos erros judiciários*. Mas será sempre bom assinalar a grandiosidade corajosa desse trabalhador infatigável que foi Zola, deixando quando se tornou necessário a paz do seu trabalho, para vir trazer cá fora a consolação a um pobre ser «tímido e humilde, principal figura dum processo dramático», que suportava na Guyana, no rigor inhóspito da ilha do Diabo, uma condenação esmagadora. E' que Zola foi também nessa época como que a expressão acabada e perfeita dum movimento colectivo que, opondo-se ao tartufismo aniquilante dos burocratas, e vindo das camadas fundas da sociedade, exigia a limpidez da justiça onde ela deveria manifestar-se. Correspondeu a um mundo que, da América à Europa e da Europa à Ásia, se comoveu e vibrou nos lances dramáticos dessa causa e aplaudiu o valente denunciante duma casta que, para ocultar as próprias faltas, não hesitava ante o arremesso para o exílio, dum militar honesto, então vencido e humilhado. Comove até o memorar essa angústia colectiva que atravessou as nações e aplaudiu freneticamente o Zola condenado, e comove pela intensidade moral que significa ver todo o mundo atento a um caso de justiça que desejou fôsse perfeita. E comove, sobretudo, pela alucinante ideia de contraste hoje oferecida por este mundo dividido, onde parece já não haver causas que passem além do restritamente individual e ouvir-se o grito de *salve-se quem puder*, abandonando ao azar aqueles que precisam de socorro, ante os ataques vibrantes da fatalidade.

Sobre habitações

Uma livraria francesa publicou recentemente um magnífico documentário das artes modernas, demonstrando com perfeitas gravuras o estado alcançado por algumas dessas artes, dentro das mais recentes evoluções sofridas. E'

muito curioso verificar o que nos diz sobre pintura e escultura da actualidade, como é interessante assinalar os maravilhosos progressos nos domínios especiais da arquitectura e da urbanística. Sobre estas é tão consolador o que ali se mostra: as construções feitas com uma leveza delicada, uma sobriedade maravilhosa de linhas, um aproveitamento útil dos elementos vitais, ar e luz, em blocos de construção que, ao vê-los, geram em nós uma espécie de contentamento a reconciliar-nos com a vida! O triunfo essencial dos novos arquitectos, que têm um gosto encantador nas construções dos seus bairros populares, reside em aproveitar os elementos de fácil modelação que lhes dá o elemento revolucionador, como também e principalmente por fugirem ao monumental pesado e bruto, refugando-se no belamente simples. Mas o mais significativo disto é que parece sermos encaminhados, no que esse aspecto da vida moderna nos revela, para uma nova concepção de vida livre e salutar, sendo as janelas rasgadas numa amplitude para que se veja o espaço ou a paisagem, ou se aproveite bem o ar vitalizador. E isto é bom porque se foge àquelas construções destinadas a parecer esmagadoras, a pesar sobre nós como uma ameaça, e deixa-nos a ideia de que, nesse aspecto, se procede à humanização da vida social.

Há tanto a fazer entre nós, com esses bairros sem classificação possível, tão miseráveis e doentios se apresentam, sem as mínimas condições de habitação, onde, no entanto, se vêem pocilgas com dezenas de moradores numa promiscuidade aviltante! Consoleta vêr que o *esforço* artístico não despreza estas questões de tanta importância para o bem público, e ao mesmo tempo desalenta-nos vêr que nada aqui se tem feito para melhorar as condições desastrosas em que vivem grandes massas das populações citadinas, sobre o que poderia falar a pena dum Albert Londres moderno.

LEITOR:

Compra os teus livros por nosso intermédio. Isso nos auxiliará.